



“TÁ LIGADO HIP HOP”: MOVIMENTO E ATIVISMO MIDIÁTICO NO HIP HOP E NA RADIODIFUSÃO ALTERNATIVA EM SOROCABA

Felipe Parra¹

Thífani Postali²

RESUMO: O artigo busca verificar como os ativistas midiáticos utilizam o programa “Tá Ligado HIP HOP” para promover músicas e disseminar conceitos/informações relevantes para as comunidades marginalizadas em Sorocaba. Em específico, este texto procura fazer uma reflexão sobre as características e práticas socioculturais constatadas neste primeiro contato com o objeto de estudo. Para tanto, adota-se o percurso metodológico que se concentra na observação, na descrição e na discussão das dinâmicas que envolvem o programa de rádio e o contexto em que está inserido. Por meio da estratégia crítico-discursiva, esta investigação propõe um olhar que busca averiguar como o Hip Hop e os meios de comunicação alternativos podem ser catalizadores de ideias revolucionárias para comunidades invisibilizadas socialmente. Como resultados, apresenta que ativistas midiáticos continuam a acolher e engajar os marginalizados por meio de um discurso encontrado no movimento Hip Hop e reverberado pelo rádio, um meio de comunicação com alto poder de penetração nas comunidades mais carentes.

PALAVRAS-CHAVE: *Ativismo midiático. Rádio comunitária. Comunicação urbana. Cultura Hip Hop. Folkcomunicação.*

ABSTRACT: This article examines how media activists use the community radio program “Tá Ligado HIP HOP” to promote music and disseminate critical knowledge among marginalized communities in Sorocaba, Brazil. Based on a qualitative and critical-discursive approach, the study observes, describes, and discusses the sociocultural dynamics that shape the program and its context. By combining the theoretical frameworks of Folkcommunication, Cultural Studies, and media activism, this research analyzes how Hip Hop and alternative community broadcasting function as catalysts for social transformation and resistance. The findings suggest that media activists continue to empower and engage peripheral populations through discourses rooted in Hip Hop culture and amplified by community radio—an enduring medium with high communicative and political reach in disadvantaged territories.

KEYWORDS: *Media activism. Community radio. Urban communication. Hip Hop culture. Folkcommunication.*

¹ Docente dos cursos de Jogos Digitais (UNISO). Docente dos cursos de Publicidade e Propaganda e Design Gráfico da Universidade Paulista (UNIP Sorocaba). Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. ORCID: 0000-0002-4160-3065. E-mail: parra.profissional@gmail.com.

² Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSCar. Líder do grupo de pesquisas em Comunicação Urbana e Práticas Decoloniais (CNPq-Uniso) e membro da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Folkcom). ORCID: 0000-0003-0541-7203. E-mail: thifanipostali@gmail.com.

Introdução

No serviço de alto-falante
Do morro do Pau da Bandeira
Quem avisa é o Zé do Caroço
Que amanhã vai fazer alvoroço
Alertando a favela inteira
(Brandão, 1985)

Qualquer mudança na maneira como as pessoas exercem seus direitos e deveres sociais resulta em transmutações significativas nos modos de vida cotidianos. Essas transformações afetam conceitos, iniciativas, argumentos e opiniões. A estrofe da canção de Leci Brandão, apresentada como epígrafe deste texto, ilustra isso ao descrever as ações e atitudes do “Zé do Caroço”. Esse personagem foi inspirado em José Mendes da Silva, mais conhecido pelo apelido de “Zé do Caroço”. O morador do morro do Pau da Bandeira, em Vila Isabel (Rio de Janeiro-RJ) instalou um sistema de som na laje de sua casa com o intuito de transmitir notícias, eventos, alertas e outras informações para a periferia carioca³. Nesse sentido, José Mendes se tornou uma voz popular que emergiu para reivindicar e informar os direitos de sua comunidade. No entanto, iniciativas como essa, muitas vezes são reprimidas pelo poder hegemônico devido a conflitos de interesses. Assim, alterações profundas nos modos de pensar das periferias brasileiras podem causar distúrbios em sistemas políticos, econômicos, mercadológicos, estatais, etc. Essa linha de raciocínio se fortalece ao observar a ausência de representatividade das minorias nos meios de comunicação de massa. Embora haja muitos especialistas nesses canais (jornalistas, comentaristas, publicitários, editores, colunistas, etc.), os problemas sociais carecem de visibilidade adequada na mídia. A informação é produzida para o povo, mas não pelo povo. Nesse cenário, surgem meios de comunicação alternativos como as rádios livres e as rádios comunitárias, para suprir tais necessidades.

³ Santos, M. A. (2023, 26 de julho). A verdadeira história do samba Zé do Caroço. *Diário da Região*. <https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/a-verdadeira-historia-do-samba-ze-do-caroco-1.179862>.

Diante das potencialidades oferecidas, associações de moradores, coletivos e movimentos socioculturais ativistas utilizam o rádio para reverberar ideias que interessam a comunidades específicas. Ao afastar o meio de comunicação de sua função comercial, pode-se reconfigurar sua utilidade, no intuito de obter novas/outras experiências. Usadas nesse ambiente, as rádios livres e comunitárias informam, educam e dialogam com as mazelas sociais que são esquecidas pelos meios de comunicação de massa. A Comunicação é realizada por pessoas de dentro das comunidades, que conhecem os desejos e anseios dos moradores da periferia.

É com essa perspectiva que o “*Tá Ligado HIP HOP*” trabalha. O programa da rádio comunitária sorocabana *Cultural FM 87.7*⁴ tem sido um ponto de referência para a disseminação e manutenção do Hip Hop da região. As rádios comunitárias são emissoras previstas na lei que têm a finalidade de se relacionar com uma determinada comunidade. Basicamente, a função dessas ações é proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Essas iniciativas sem fins lucrativos oferecem a oportunidade de divulgar ideias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais difundidos dentro da comunidade⁵. A iniciativa tem explorado e promovido diversos aspectos desse movimento cultural ao longo dos anos. As pessoas envolvidas neste projeto não apenas entretêm, mas orientam e inspiram ouvintes, fomentando uma comunidade unida pelo amor ao Hip Hop.

Com base nas argumentações apresentadas, emerge a pergunta: como os ativistas midiáticos utilizam o programa “*Tá Ligado HIP HOP*” para promover músicas e disseminar conceitos/informações relevantes para as comunidades marginalizadas em Sorocaba?

Diante da premissa, esse primeiro contato com o objeto de estudo tem como objetivo verificar os papéis dos ativistas midiáticos na promoção e valorização da

⁴ A emissora *Cultural FM 87.7* é uma rádio comunitária localizada no Parque Laranjeiras em Sorocaba-SP que possui uma programação variada, com diversos programas e gêneros musicais, incluindo a programação gospel. Pertencente à Associação Comunitária Cultural de Sorocaba, a rádio não possui dono e sim um corpo social civil eleito que a administra. Para mais informações acesse: <https://radioculturalfmsorocaba.com.br/>.

⁵ Parra, F. (2023). Rádios livres sorocabanas: 40 anos depois. 265 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-11072023-144537/pt-br.php>.

cultura local nas periferias de Sorocaba, utilizando o Hip Hop e a radiodifusão comunitária como ferramentas de interação e conexão.

Para tanto, adota-se o percurso metodológico que se concentra na observação, na descrição e na discussão das informações presentes na entrevista realizada com os apresentadores do programa “*Tá Ligado HIP HOP*”. Da percepção dos elementos presentes na pesquisa e da sutura de conceitos entre diferentes áreas do conhecimento, pretende-se realizar um estudo exploratório acerca do programa. Portanto, por meio dessa estratégia crítico-discursiva, esta investigação científica propõe um olhar que busca averiguar como os meios de comunicação alternativos podem ser catalisadores de ideias revolucionárias para comunidades invisibilizadas socialmente.

O arcabouço teórico, flexível e dinâmico dos Estudos Contemporâneos⁶ fundamenta o raciocínio apresentado neste texto, ao relacionar e expandir conceitos entre Estudos Culturais e tecnologias de comunicação. Em suma, há um empenho em formular conceitos coerentes com uma sólida base teórica, visando contribuir para a geração de conhecimento no campo contemporâneo da Comunicação e Cultura.

Justifica-se a elaboração desse trabalho ao verificar que há muitas pesquisas que se debruçam na temática. Contudo, não foram encontrados estudos que se dediquem a tal assunto na cidade de Sorocaba⁷, a qual possui uma história intrinsecamente relacionada com as rádios livres. Na década de 1970 surgiu no município o movimento das rádios livres sorocabanas. Tal iniciativa se consolidou nos anos 80 ao transmitir músicas e ideias transgressoras, distantes das programações padronizadas das rádios comerciais. Nesse contexto, as rádios livres de Sorocaba desempenharam um papel significativo no avanço da comunicação radiofônica no Brasil⁸, ao disseminar discursos que até então eram pouco difundidos no espaço eletromagnético brasileiro.

Efetuada os apontamentos iniciais, o texto está dividido em quatro tópicos: o movimento Hip Hop; hip hopper ativista midiático (a); as rádios livres e comunitárias

⁶ Garcia, W. (2007). Fazer ciência: o lugar do conceito. *Em Questão*, 13(1), 171-182. <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645956011.pdf>.

⁷ Localizado a aproximadamente 100 km de São Paulo, o município de Sorocaba tornou-se conhecido nacional e internacionalmente devido às rádios livres que surgiram no final da década de 1970. O jornal *O Cruzeiro do Sul* denominava a cidade como a capital dessas ações (Sorocaba, 1984).

⁸ Machado, A., Magri, C., & Masagão, M. (1986). *Rádios livres: reforma agrária no ar*. Brasiliense.

de Sorocaba; e o programa “*Tá Ligado HIP HOP*”, na tentativa de apresentar uma escrita coerente para o leitor. Essa divisão auxilia na exposição de conceitos, perspectivas e táticas referentes à pesquisa.

O movimento Hip Hop

O ano de 2023 foi considerado um marco para o movimento Hip Hop, pois além de completar 50 anos de história e resistência cultural, conquistou, no Brasil, o Decreto Nº 11.784, de 20 de novembro de 2023, que dispõe sobre as diretrizes nacionais para as ações de valorização e fomento da cultura Hip Hop no país. Sabe-se, como coloca García Canclini⁹, acerca do cenário latino americano, que os ministérios da cultura continuam a valorizar, em sua maioria, as chamadas belas artes, em detrimento das culturas populares que segundo o autor são cenários de consumo onde se desenvolve o que se pode chamar de bases estéticas da cidadania.

É por meio de lutas, denúncias, ações coletivas e reivindicações que, passados mais de 40 anos de história no Brasil, o movimento Hip Hop se torna, então, reconhecido pelo poder público. Para tanto, importa pontuar a história do movimento, sua importância e meios de resistência cultural. Aqui cabe esclarecer que o conceito de resistência está ligado aos Estudos Culturais, mais especificamente às colocações de Mattelart e Neveu¹⁰, para quem a resistência é caracterizada pela fluidez, uma vez que sugere mais um espaço de debate que uma ideia impenetrável, com a finalidade de provocar mudanças sociais. Nesse contexto, pode-se afirmar que a cultura popular que contém intenção de comunicação e transformação social é uma ferramenta de resistência às forças dominantes que buscam oprimir e silenciar as diversas lutas sociais. O conceito de comunicação que se assimila é o que Beltrão¹¹ denomina como “comunicação cultural”, ou seja, o processo verbal, mímico, gráfico, plástico e tátil pelo qual os seres humanos manifestam e trocam ideais, sentimentos e informações, com o objetivo de estabelecer relações e somar experiências.

⁹ García Canclini, N. (1995). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais*. UFRJ.

¹⁰ Mattelart, A., & Neveu, É. (2004). *Introdução aos estudos culturais*. Parábola.

¹¹ Beltrão, L. (1977). *Teoria geral da comunicação*. Brasília: Thesaurus.

Posto assim, o Hip Hop se encontra na conjuntura da “comunicação cultural” e “resistência”, sendo considerado um movimento oriundo da cultura popular urbana, com raiz jamaicana. Na década de 1960 o país passava por problemas, e então, pessoas passaram a usar as praças para manifestar e resistir aos problemas políticos, econômicos e sociais. Mais especificamente, por meio da musicalidade, os chamados *toasters* produziam discursos rimados e seguidos de uma batida reproduzida por aparelhos de *sound systems*. Nesse período, houve uma migração em massa da população das Ilhas Caribenhas para Nova Iorque em busca de melhorias nas condições de vida. Entretanto, no novo país, os imigrantes se depararam com a segregação social e outros problemas sociais¹².

Foi nesse cenário que o jamaicano Kool-Herc e seu parceiro Grand Master Flash, originário de Barbados, apresentaram a prática da música jamaicana como forma de resistir aos problemas. No bairro do Bronx – NY, os disc-jóqueis (DJ’s) organizaram inúmeras festas nas quais trabalhavam com técnicas de som, incluindo recortes de músicas populares e efeitos que simulam a agitação urbana como ruídos de carros, de sirenes de polícia e ambulâncias, helicópteros, tiros, vidros quebrados, entre outros. Durante as apresentações, os DJ’s discursavam de acordo com o ritmo da música e ofereciam o microfone para os outros participantes. Juntando-se aos elementos culturais estadunidenses, a música jamaicana foi se transformando no que hoje é conhecido como Rap - *Rhythm and Poetry*.

O Rap é caracterizado pela improvisação poética sobre uma batida musical rápida, realizada por sons digitais, o que faz da expressão oral o elemento mais importante da música. Segundo Kellner¹³, trata-se de uma forma que une tradições orais afro-americanas com modalidades tecnológicas de reprodução de som. Os responsáveis pelo texto são conhecidos como mestres de cerimônia. Mencionados popularmente como MC’s, eles possuem as mesmas características que os *toasters* jamaicanos, ao passo que discursam sobre as questões que envolvem a situação social dos grupos

¹² Postali, T. (2011). *Blues e hip hop: uma perspectiva folkcomunicação*. Jundiaí: Uniso, Paco Editorial.

¹³ Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. EDUSC.

urbanos marginalizados. Com relação ao Rap, Kellner ressalta que é um meio de expressão de vozes bem específicas, que estão fora da cultura dominante, e a preocupação de seus praticantes é dizer quem são, de onde vêm e o que têm em mente.

Nas décadas de 1960 e 1970, o Bronx era considerado um dos territórios mais perigosos dos Estados Unidos, devido ao grande número de gangues. Kevin Donovan era líder da gangue chamada Black Spades. Nascido em 1957, foi frequentador assíduo das festas de Kool-Herc e Grand Master Flash, pois admirava a maneira com a qual a população manifestava o cotidiano marginal, sem o uso da violência física. O afro-estadunidense trocou seu nome por África Bambaataa e a gangue pela arte de rua, juntando-se aos Dj's, em especial, a Kool-Herc - principal responsável pelos eventos. Segundo Leal¹⁴, em 1973, Bambaataa fundou a *Universal Zulu Nation*, uma organização não-governamental que teve como lema a frase "Paz, Amor, União e Diversão". Nessa organização – ainda existente - Bambaataa reuniu Dj's, dançarinos, MC's e grafiteiros, além de promover palestras sobre diversos temas como matemática, economia, prevenção de doenças, entre outros. Essa cultura foi denominada como Hip Hop, em 1974, instituindo os elementos DJ, Grafite, Rap e Breaking, mais especificamente.

131

A intenção do movimento Hip Hop é trocar a violência pela cultura, para que jovens se enfrentem por meio da arte, e por meio dela, adquiram habilidades e conhecimentos sobre suas localizações sociais. De acordo com o site da organização, a principal preocupação dos fundadores do Hip Hop é de que o público não tenha domínio sobre o verdadeiro propósito do movimento, pelo fato de inúmeros rappers utilizarem-se da musicalidade para divulgar o que Bambaataa chama de "negatividade". Para tanto, o idealizador do movimento incluiu o quinto elemento, ao qual refere-se como "conhecimento". Segundo a Universal Zulu Nation, o quinto elemento consiste em esclarecer às pessoas sobre a história e os elementos fundamentais da verdadeira cultura Hip Hop¹⁵.

¹⁴ Leal, S. J. de M. (2007). *Acorda hip hop: despertando um movimento em transformação*. Aeroplano.

¹⁵ Postali, T. (2011). *Blues e hip hop: uma perspectiva folkcomunicação*. Jundiaí: Uniso, Paco Editorial.

Portanto, é nesse contexto que se pode considerar o Hip Hop como uma cultura popular urbana cuja intenção é a comunicação cultural e de resistência, com a finalidade de promover transformações sociais, motivo pelo qual passou a ser praticado em diversos países que não só ocidentais, tornando-se uma cultura periférica que alcançou o mundo. No Brasil, o movimento chegou na década de 1970 tendo o breaking, a princípio praticado na cidade de São Paulo, como principal elemento. Em 1990 o movimento ganhou maior notoriedade por meio do Rap, tendo o grupo Racionais MC's como maior vetor de sua publicização. Cabe ressaltar uma fala importante sobre o movimento brasileiro: em uma de suas passagens pelo Brasil, Áfrika Bambaataa declarou preferir o Hip Hop brasileiro ao estadunidense, uma vez que nos EUA o propósito foi se perdendo, ao passo que no Brasil foi se desenvolvendo com base na sua filosofia: conhecimento. Aí o reconhecimento público e incentivo ao movimento dado a partir de 2023. O Hip Hop alcança os lugares marcados pela ausência do estado, onde, muitas vezes, os direitos são negados aos cidadãos.

Por esse motivo, interessa compreender de que maneiras os/as hip hoppers se organizam para comunicar e transformar seus territórios. A pessoa líder-comunicadora¹⁶ é a figura responsável pela produção, articulação e agendas para transformação social.

132

Hip hopper ativista midiático (a)

Para melhor compreender o sistema de comunicação que os/as hip hoppers fazem parte, recorrer-se-á a Folkcomunicação, teoria brasileira que lança luz aos estudos sobre cultura popular. Beltrão¹⁷ esclarece que a Folkcomunicação é a comunicação dos marginalizados, sejam pessoas oriundas dos grupos rurais, urbanos ou culturalmente marginalizados. O autor esclarece que há formas específicas na produção e no comunicar dos grupos que não estão, definitivamente, inseridos na lógica da cultura dominante. Nas palavras do autor, o que caracteriza os processos folkcomunicacionais é que as mensagens são produzidas, codificadas edisseminadas em

¹⁶ Beltrão, L. (1980). *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. Cortez.

¹⁷ Beltrão, L. (1980). *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. Cortez.

linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez, conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa.

Nesse contexto, as mensagens são elaboradas e distribuídas pelo/a líder-comunicador/a folk (caracterizados/as como agentes formadores de opinião) que produz suas mensagens a partir das informações possibilitadas pelos seus meios, contatos interpessoais, experiências e pelos meios de comunicação de massa. Neste último, a pessoa líder comunicadora decodifica as mensagens massivas transformando-as em outros códigos, capazes de serem melhor compreendidos pelo público ao qual pretende comunicar. Isso significa que entre a massa de receptores existem diferentes pessoas, e entre elas, líderes-comunicadoras que decodificam as mensagens atribuindo a elas sentido e conteúdos mais específicos e de interesse de seu grupo social.

Beltrão¹⁸ chama a atenção para o fato de que as pessoas líderes-comunicadoras nem sempre são autoridades, mas, por possuírem conteúdos e opiniões de interesse do seu grupo social, possuem certo prestígio na comunidade em que atuam. Lideranças religiosas, professores, lideranças de associações diversas, pessoas comuns com boa socialização e comunicação, lideranças de esportes e práticas culturais são alguns dos exemplos possíveis de serem encontrados com frequência nos diversos territórios marginalizados.

Os estudos em Folkcomunicação mais recentes atualizam as características das pessoas líder-comunicadoras. As mudanças sociais que caracterizam o início do século XXI, entre elas o avanço tecnológico, o acesso mais facilitado às novas tecnologias de informação e a possibilidade de alcançar, por meio das plataformas digitais, instituições e outros grupos sociais - para ficarmos apenas na comunicação que é o foco de interesse deste trabalho, levaram o/a líder comunicador/a folk a adquirir novas práticas socioculturais. Trigueiro¹⁹ denomina “Ativista Midiático” a pessoa que passa a se apropriar das novas possibilidades de comunicação (e não só) para produzir e comunicar seus conteúdos para outros públicos.

¹⁸ idem.

¹⁹ Trigueiro, O. M. (2008). *Folkcomunicação e ativismo midiático*. Editora Universitária da UFPB.

Importa esclarecer que meios massivos como a televisão e o rádio continuam a operar de forma bastante presente na vida das pessoas, sobretudo das camadas populares, e que também se atualizaram para atender ao novo contexto em rede digital, característico da chamada Convergência de Mídias²⁰. De acordo com Trigueiro²¹, o rádio e a televisão são os dois meios com maior presença nas pequenas cidades interioranas²². Assim, o/a ativista midiático/a é um/a protagonista no processo de mediação que envolve o local e o global, ocupando os diferentes espaços para comunicar conteúdos que julga essenciais sobre (e para) o seu público. De acordo com o autor, a simples atualização dos acontecimentos midiáticos, como era comum ao/a líder-comunicador/a folk, já não é mais suficiente para o/a ativista midiático/a que passa a se apropriar, incorporar e converter conteúdos midiáticos para o uso e consumo de seu grupo social, a partir da própria mídia massiva.

O ativista midiático age estimulado pelos seus interesses e do grupo social ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas. É um narrador do cotidiano, guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social e percorre entre as práticas tradicionais e contemporâneas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais. Quando cria, produz e veicula os seus conteúdos nos próprios meios de comunicação, passa a ocupar tempo e espaço conquistado, reconhecido pelo seu grupo social e além desses.

O autor ainda chama a atenção para o fato de que esses/as agentes ativos/as se mobilizam nas redes de comunicação do local com o global e estão interconectados, principalmente, com os meios rádio e televisão que, como colocado, possuem maior presença em determinados territórios marginalizados.

²⁰ Jenkins, H. (2009). *Cultura da Convergência*. Editora Aleph.

²¹ Trigueiro, O. M. (2008). *Folkcomunicação e ativismo midiático*. Editora Universitária da UFPB.

²² O autor se refere, especificamente, ao interior do Nordeste, recorte de sua pesquisa. Entretanto, é possível de identificar o mesmo cenário em outras regiões interioranas, com o é o caso do interior de São Paulo, recorte geográfico deste trabalho.

As rádios livres e comunitárias de Sorocaba

Para pensar sobre as nuances e interpelações entre os meios de comunicação alternativos, os ativistas midiáticos e o Hip Hop na cidade de Sorocaba é necessário desenvolver reflexões acerca dos conceitos referentes às rádios livres e rádios comunitárias. Assim ficam evidentes as particularidades presentes nessas iniciativas no município sorocabano.

As rádios livres operam na ilegalidade, no entanto, essas emissoras não têm como objetivo o lucro. O princípio fundamental das rádios livres é dar voz a pessoas com diferentes perspectivas. Elas se dedicam a fornecer informações alternativas às veiculadas pelas rádios convencionais, operando de forma coletiva e alternativa, sem a autorização dos monopólios das telecomunicações. Esse potencial tem sido usado para promover a cultura e abordar os problemas enfrentados por movimentos sociais e minorias. Ao superar as práticas tradicionais de uso da mídia, as rádios livres criam um espaço onde qualquer pessoa, mesmo sem experiência com a mídia, pode se expressar livremente²³.

135

Os custos de produção e difusão das mensagens no rádio são mínimos, pois é uma mídia relativamente simples e barata de construir e operar. O alcance das transmissões é secundário, com ênfase em difundir informações em pequenas áreas. Essa característica permite que as rádios livres contestem os conteúdos difundidos pelo monopólio dos meios de massa. Assim, a informação difundida localmente desafia os princípios estabelecidos e regulamentados pelo monopólio das telecomunicações.

Tais iniciativas surgem espontaneamente e são administradas por pessoas que não seguem um padrão hierárquico de gerência. Nesse sentido, a diversidade de ideias é o destaque dessas iniciativas, permitindo que múltiplas vozes ocupem e expressem seus pensamentos livremente pelo espaço eletromagnético.

²³ Machado, A., Magri, C., & Masagão, M. (1986). *Rádios livres: reforma agrária no ar*. Brasiliense.

Diante dessas particularidades, pode-se pensar que as rádios livres rompem com a lógica hierárquica entre emissor e receptor. Essa ruptura ocorre porque elas oferecem condições para que os amadores assumam uma postura ativa no sistema comunicacional radiofônico²⁴. Ou seja, o ouvinte torna-se produtor sem a intervenção do monopólio das telecomunicações.

Outra forma desse processo ocorrer é através da troca de conteúdos entre as rádios livres. Nesse caso, as emissoras podem intercambiar mensagens e funcionar como uma espécie de telefone, permitindo que a comunicação ultrapasse os limites dos aparelhos de transmissão das rádios. Mesmo que a emissora tenha uma potência ínfima, a mensagem pode ser retransmitida por outras rádios, criando uma rede de informação que ultrapassa fronteiras geográficas.

Ao se distanciar dos formatos comerciais, o rádio ganha uma utilização mais profunda e significativa. Aplicando novas lógicas a esse meio de comunicação, torna-se possível refletir sobre como a mídia pode ser utilizada na luta por uma sociedade democrática. Dessa maneira, as rádios livres criam oportunidades para que ativistas critiquem as regras impostas pelo sistema estatal. Através dessas iniciativas, é possível contestar políticas implementadas em uma comunidade, questionar a vida cotidiana, fazer reflexões sobre a jornada de trabalho em sua forma atual, entre outros temas.

Em relação às rádios comunitárias, Parra²⁵ argumenta que são emissoras previstas por lei que têm como finalidade se relacionar com uma determinada comunidade. A função dessas rádios é proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Em outras palavras, o conceito de rádio comunitária está vinculado à ideia de uma estação de rádio que funciona como um canal de comunicação dedicado exclusivamente a uma comunidade local. Essas iniciativas sem fins lucrativos oferecem a oportunidade de divulgar ideias, manifestações culturais,

²⁴ Brecht, B. Teoria do rádio (1927-1932). (2005). In: Meditsch, E. (Org.). *Teorias do rádio: textos e contextos* (vol. 1, pp. 35-45) *volume 1*. Insular.

²⁵ Parra, F. (2018). Luiz Fernando Santoro – Relatos sobre rádios livres e comunitárias na Europa e no Brasil. *Revista Alterjor*, 18(2), 54-65. <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/147538/141610>.

tradições e hábitos sociais difundidos dentro da comunidade. Geralmente, as rádios comunitárias estão associadas a entidades como a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (Amarc) e a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço).

Peruzzo²⁶ aprofunda tais perspectivas ao afirmar que as principais características que definem uma rádio comunitária incluem:

- Desinteresse por lucros: As rádios comunitárias não visam lucro. Embora possam comercializar espaços publicitários para patrocínio, os recursos arrecadados são utilizados para custeio e manutenção da emissora, e não para lucro particular. Tais recursos são nomeados como apoio cultural.
- Pertencente à comunidade: A rádio é organizada, dirigida e operada pela própria comunidade. Isso significa que quem fala e quem ouve é a comunidade, sem a mediação de profissionais externos.
- Programação vinculada à realidade local: A programação das rádios comunitárias tende a ter um vínculo orgânico com a realidade local, abordando problemas, festas, necessidades e cultura da comunidade.
- Gestão participativa: As rádios comunitárias funcionam com sistemas de gestão partilhada, utilizando órgãos deliberativos coletivos, como conselhos e assembleias, para a tomada de decisões.

137

Essas características ajudam a diferenciar as rádios comunitárias de outras emissoras, como as comerciais, que operam com objetivos de lucro e frequentemente não refletem os interesses locais. Contudo, nota-se que essas particularidades possuem intrínsecas relações com as rádios livres. A disseminação de informações alternativas, a despreocupação com os lucros e a gestão democrática das emissoras radiofônicas são características observadas nas duas formas de se fazer rádio. Tais similaridades não são meras coincidências. A influência das rádios livres foi fundamental para o surgimento

²⁶ Peruzzo, C. M. K. (1998). *Participação nas rádios comunitárias no Brasil*. [Apresentação de trabalho]. XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 98, Recife-PE. <http://bocc.ufpb.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>.

das rádios comunitárias²⁷. Essas emissoras clandestinas desempenharam um papel importante, mostrando novas abordagens na produção de rádio e servindo como modelo para as iniciativas comunitárias. Tal movimento foi crucial para a criação de projetos que representassem as experiências de comunidades com realidades distintas das promovidas pelo monopólio das telecomunicações. O fenômeno foi particularmente significativo durante as décadas de 1970 e 1980 no Brasil, quando os movimentos sociais populares lutavam pela redemocratização do país, em plena ditadura militar²⁸.

Quando se pensa especificamente na cidade de Sorocaba, nota-se que o ativismo midiático por meio desses meios de comunicação alternativos se inicia no começo do movimento das rádios livres sorocabanas. Em meados de 1976, jovens cansados da programação convencional difundida pelas rádios comerciais fabricaram seus próprios transmissores para criar emissoras de rádio ilegais e reverberar suas ideias pelo espaço eletromagnético. *Columbia FM, Rádio Atividade FM, Superstar FM, Express FM, Centauros 2001 FM, Voyage FM, Strick Som FM, Transuniversal FM, Edissom FM, e Transuniversal FM* são algumas das rádios livres fundadas e operadas por amadores. Essas atividades difundiam músicas de estilos que não tocavam nas emissoras radiofônicas convencionais como dance music, canções sertanejas, bolero, hip hop etc., discursos a favor de trabalhadores que lutavam por melhores condições de trabalho, depoimento de pessoas marginalizadas/estigmatizadas pela sociedade (travestis e prostitutas), entrevistas com artistas simpatizantes às rádios livres como Lulu Santos e Paulo Ricardo, entre outros conteúdos²⁹.

²⁷ Cavalcanti, M. A. de P. (2018). Resistências nas mídias a comunicação socializada: uma breve história das rádios livres e comunitárias no Brasil. *Revista Periferia*, 10(2), 258-277. <https://www.redalyc.org/journal/5521/552157626016/html/>.

²⁸ Brandão, A. C., & Duarte M. F. (1999). *Movimentos culturais da juventude*. Moderna.

²⁹ Parra, F. (2023). Rádios livres sorocabanas: 40 anos depois. 265 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-11072023-144537/pt-br.php>.

No verão de 1982, mais de 100 emissoras clandestinas operavam na cidade³⁰. Isso estimulou pessoas de outras partes do Brasil a experimentarem as possibilidades comunicacionais das rádios livres. *Rádio Xilik, Ítaca, Trip, Tereza, Molotov e Totó Ternura* são exemplos de atividades que se influenciaram pelas emissoras do interior de São Paulo. Dessa forma, os ativistas midiáticos sorocabanos contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da comunicação radiofônica brasileira³¹, ao difundir discursos até então pouco propagados no espaço eletromagnético do país.

Contudo, o movimento radiofônico chamou a atenção do Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), o qual realizou penalizações previstas em lei na cidade de Sorocaba³². Essa represália fez com que os ativistas midiáticos sorocabanos criassem o *Conselho das Rádios Clandestinas de Sorocaba*, no intuito de organizar e proteger as emissoras de rádio livres no município, buscando uma regulamentação adequada para as emissoras. Em 1986, houve uma tentativa de legalizar as rádios clandestinas de Sorocaba, os membros do movimento destacavam a necessidade de uma normatização mais inclusiva e plural. No entanto, a legalização reivindicada permitiu apenas uma estação para todas as rádios livres, ou seja, uma frequência para mais de 100 rádios livres da cidade. Isso contrariava a ideia de múltiplas vozes e perspectivas que a atividade buscava promover. Perante a tal cenário, o *Conselho das Rádios Clandestinas de Sorocaba* se dissolveu pouco tempo depois de criado³³.

³⁰ Nunes, M. A. M. *Rádios livres. O outro lado da voz do Brasil*. 1995. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

³¹ Machado, A., Magri, C., & Masagão, M. (1986). *Rádios livres: reforma agrária no ar*. Brasiliense.

³² O artigo 183 da Lei 9472/97 determina que é proibido desenvolver clandestinamente atividades de telecomunicação no Brasil. A pena prevista é de dois a quatro anos de reclusão, aumentada da metade se houver dano a terceiro, e multa de R\$ 10.000,00 (dez mil reais). Disponível em: <https://presrepública.jusbrasil.com.br/legislacao/103340/lei-geral-de-telecomunicacoes-lei-9472-97#art-183>. Acesso em: 24 jul. 2019.

³³ Parra, F. (2023). *Rádios livres sorocabanas: 40 anos depois*. 265 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-11072023-144537/pt-br.php>.

Porém, mesmo com a regulamentação inadequada, a mobilização dos ativistas midiáticos que utilizavam as rádios livres no município continuou. A apreensão de equipamentos e a repressão pelos órgãos públicos não intimidou os envolvidos. A persistência dessas pessoas foi crucial para a criação da legislação para rádios comunitárias, evidenciando a importância da resistência contínua para alcançar reconhecimento e regulamentação³⁴, ou seja, a luta do movimento das rádios livres sorocabanas desempenhou um papel essencial na criação das rádios comunitárias no Brasil. Tal afirmação é confirmada por Peruzzo³⁵, ao dissertar que a comunicação comunitária adquire um caráter singular ao emergir das lutas populares e expandir seu alcance, especialmente por meio das rádios comunitárias. Inicialmente tais iniciativas operavam como rádios livres no Brasil, devido à falta de autorização oficial, mas foram posteriormente legalizadas com a aprovação da legislação de radiodifusão de baixa potência³⁶. Portanto, nota-se que apesar dos obstáculos e das limitações impostas pelo poder hegemônico, a perseverança dos ativistas midiáticos não apenas garantiu a sobrevivência das rádios livres durante tempos de repressão, mas também ajudou a moldar um ambiente legalmente positivo para que as rádios comunitárias surgissem.

³³ Nunes, M. A. M. *Rádios livres*. O outro lado da voz do Brasil. 1995. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

³⁴ César, R. (2022). As múltiplas emissoras de Robson César: um depoimento sobre as rádios livres sorocabanas. *Revista Alterjor*, 1(25), 175-191. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/193081/180095>.

³⁵ Peruzzo, C. M. K. (2024). *Fundamentos teóricos da comunicação popular, comunitária e alternativa*. Edufes. <https://repositorio.ufes.br/items/16d146f7-aa4b-42dd-b832-97fb9442d1ed>.

³⁶ A **Lei de Radiodifusão Comunitária** regula o serviço de radiodifusão sonora em FM, operado com baixa potência e alcance limitado. O serviço é exclusivo para fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos, com sede na área atendida. A potência máxima é de 25 watts ERP, e a altura do sistema irradiante não pode exceder 30 metros, com cobertura voltada para bairros ou vilas específicas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9612.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.612%2C%20DE%2019%20DE%20FEVEREIRO%20DE%201998&text=Institui%20o%20Servi%C3%A7o%20de%20Radiodifus%C3%A3o,Art. Acesso em: 09 jan. 2025.

Programa “Tá Ligado HIP HOP”

O programa “*Tá Ligado HIP HOP*” vai ao ar aos sábados, às 12h00 pela rádio *Cultural FM 87.7*. A emissora radiofônica comunitária está localizada no bairro Parque Laranjeiras (periferia da Zona Norte da cidade de Sorocaba) e oferece uma programação diversificada, abrangendo diferentes programas e gêneros musicais, incluindo conteúdos gospel. Gerida pela Associação Comunitária Cultural de Sorocaba, a rádio não possui um proprietário individual, sendo administrada por um corpo social civil eleito.

Feito os apontamentos necessários, nota-se que as argumentações apresentadas até o momento ganham materialidade ao se debruçar na entrevista feita com os apresentadores Thiago Henrique, mais conhecido como “Saci” e Alexandre Batista, que atende pelo apelido de “DJ Gordo”³⁷. Vale ressaltar que o “*Tá Ligado HIP HOP*” também conta com a apresentadora Ana Paula de Oliveira Lima, reconhecida no meio artístico como “Paula Sinapse”. Além deles, há a participação da estilista May Aguiar, com comentários sobre moda, e a colaboração de DJ Vily na realização do marketing digital³⁸.

Destarte, este texto considera as pessoas envolvidas na produção do “*Tá Ligado HIP HOP*” como ativistas midiáticos. Cada integrante contribui para a gestão do programa com atividades alinhadas à sua experiência profissional, especialização e interesses. Isso enriquece o conteúdo e diversifica as ideias disseminadas para a comunidade periférica do município. Ao utilizar as potencialidades comunicacionais do rádio, essas pessoas disseminam informações sobre a cultura, a arte, a moda e os pensamentos que compõem o movimento Hip Hop local. Também realizam entrevistas

³⁷ DJ é a abreviação de “disc jockey”. Um DJ é uma pessoa que seleciona, mixa e toca músicas para uma audiência. Tradicionalmente, os DJs usavam discos de vinil, mas atualmente eles podem usar uma variedade de formatos, incluindo CDs, arquivos digitais e até mesmo streamings ao vivo.

³⁸ Uma entrevista foi realizada com a equipe no dia 09 de março de 2024 e possui 41 minutos de duração. Por se tratar de uma atividade voluntária, até o momento da interação, o programa não possuía planejamento ou planilha de participação de colaboradores e convidados/entrevistados. Os realizadores dessa pesquisa estiveram em duas ocasiões no programa, sendo a primeira com a participação de Thifani Postali, em dezembro de 2023, como convidada e entrevistada por Márcio Brown - hip hopper e ativista sorocabano, Saci e DJ Gordo. Por esse motivo, optou-se em entrevistar os apresentadores fixos Saci e DJ Gordo. Após esse período, outras pessoas foram se integrando e participando com mais frequência, como é o caso da apresentadora Ana Paula Sinapse, da estilista May Aguiar e da Dj Vily. A inclusão dessas pessoas neste artigo científico tem o intuito de mostrar a participação das mulheres na gestão do programa.

com MCs, Djs e Rappers de Sorocaba e região, profissionais de diversas áreas (como Direito, Comunicação e Administração), ativistas sociais, líderes comunitários e políticos sorocabanos.

Em relação as entrevistas feitas com MCs, Djs e Rappers de Sorocaba e região, nota-se que ativistas midiáticos do rádio promovem ativistas midiáticos que utilizam o Hip Hop para conscientizar seus ouvintes por meio de letras que retratam o cotidiano das periferias brasileiras. Artistas como Carbone, Kamufflow, Mano Geh, MK Sinistro, North Boy e Pisicozy são convidados para promover seu trabalho, realizar o lançamento de suas músicas/videoclipes e falar sobre suas experiências de vida, seus projetos sociais, seus pensamentos relativos ao cotidiano das periferias, seus pontos de vista em relação a questões socioculturais, étnicas, políticas, econômicas, etc. Ao abordar tais assuntos, esses ativistas midiáticos difundem suas ideias e conscientizam ouvintes. É por meio do Hip Hop e do programa “*Tá Ligado HIP HOP*” que muitas pessoas entram em contato com temas como racismo, desigualdade social, resistência, empoderamento, consciência política, identidade cultural, amor, união entre comunidades da periferia entre outros temas. As músicas tocadas na rádio, como *Amanhecer*, *Superação* e *Compartilhando o Amor*, de Claudinei Pereira e Mano Geh, além das canções *Levante-se*, de Kamufflow, e *Marginal Imaculado* e *Velha Nova Infância*, de Carbone, demonstram que tais ideias estão profundamente conectadas à produção musical desses artistas.

142

Essa sinergia entre música e reflexões se intensifica ao observarmos a participação feminina no movimento Hip Hop sorocabano e, conseqüentemente, no programa radiofônico estudado. Artistas como DJ Brandini, Dj Vily, Gabriella Kerr, Nikki Brown, Paula Sinapse etc. debatem e cantam sobre empoderamento feminino, racismo, preconceito, violência de gênero, liberdade, representatividade entre outros temas. Canções como *Mais uma Vítima*, de Gabriella Kerr, *Benção e Proteção* do grupo Artigo Sem Lei com participação de Paula Sinapse e *No Cash* do grupo feminino Clan da Minas embasam as afirmações realizadas. Nesse sentido, o “*Tá Ligado HIP HOP*” reverbera a realidade, desejos e anseios contidos nos discursos produzidos por mulheres periféricas.

Tal dinâmica também é elaborada/explorada por outros grupos de artistas de Sorocaba e região. ARTIGO Sem Lei, Cerberus Crew, Cna das Minas, Expresso 015, Rap Sinapse Cia, Ordem de Backup são conjuntos musicais compostos por homens e mulheres do movimento Hip Hop que desenvolvem pensamentos sobre a vivência nas periferias sorocabanas, a união entre as pessoas pertencentes a tais comunidades e a insatisfação com o sistema político, econômico, social etc.

Outro ponto relevante é a participação ativa de pessoas comprometidas com a melhoria da qualidade de vida das comunidades vulneráveis do município. Destacam-se nomes como Emanuela Barros, advogada pós-graduada em Direito Constitucional, Prevenção à Violência e Direito Antidiscriminatório e Diversidades. Mestre em Educação, seus estudos abordam questões de gênero, educação, mulheres e movimentos sociais. É fundadora do coletivo de mulheres Barraqueiras – Mulher, Arte e Resistência e atua como presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Sorocaba.

Entre as figuras de relevância, está Jorge do Talento Afro, presidente da Unegro e conselheiro de saúde da UBS Laranjeiras. Atualmente, cursa Bacharelado em Direito, reforçando seu compromisso com a justiça social e a igualdade racial.

143

Kátia Campos também se destaca como ativista do Movimento Negro, Periférico e da Mulher. Administradora de negócios, é pós-graduada em Administração e Organização de Eventos, com mais de 15 anos de experiência em gestão de empresas e pessoas. Sua atuação se concentra na defesa dos direitos das mulheres e na valorização da cultura periférica.

Por fim, Regina Cardoso, mulher negra e feminista, é uma ativa defensora do SUS. Enfermeira e professora por formação, integra o Conselho Municipal de Saúde, além de ser membro do Comitê Mulheres pela Democracia e do grupo de estudos negros Baobá.

Esses são alguns exemplos de pessoas que são convidadas para o programa de rádio “*Tá Ligado HIP HOP*”, com o objetivo de debater questões sociais, promover a conscientização e informar a comunidade sobre direitos e serviços essenciais. Além disso, o programa busca divulgar iniciativas que facilitam o acesso a medicamentos e

agilizam o atendimento médico nas comunidades. Nestas situações, é notório o uso do rádio como uma ferramenta de comunicação e mobilização social.

Há também a presença de candidatos políticos que difundem suas ideias e propostas de campanha pelo “*Tá Ligado HIP HOP*”. Esse é o caso de Alessandra Paes. A candidata a vereadora nas eleições municipais de Sorocaba em 2024 é uma profissional com ampla experiência na área de educação e gestão de pessoas, comprometida com a inclusão social e a capacitação profissional de jovens e adultos. Formada em Administração de Empresas, com especialização em Aprendizagem e MBA em Gestão de Pessoas, Alessandra atua com foco na qualificação para o mercado de trabalho. Além de seu trabalho como professora na Etec, desenvolve projetos em diversas ONGs, como RH em Ação, Nurap, Associação Criança Feliz e Cia Anjos da Alegria, que visam o apoio à comunidade e a promoção da inclusão social.

Outro entrevistado foi Paulinho do transporte. O candidato a prefeito de Sorocaba em 2024 é presidente do Sindicato dos Rodoviários de Sorocaba e Região, da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística (CNTTL), e vice-presidente da Federação Unitária de Transporte, Porto, Pesca e Comunicação da América (Futac). Além disso, é membro da União Internacional de Sindicatos (Unis).

144

Ambos os convidados usaram o “*Tá Ligado HIP HOP*” para debater questões fundamentais para a população periférica. Alessandra, com sua visão voltada à capacitação profissional e à inclusão social, e Paulinho, com sua defesa dos direitos dos trabalhadores, evidenciam o potencial do rádio como ferramenta de mobilização social. O programa segue sendo um espaço crucial para fortalecer a luta por direitos e um futuro mais igualitário.

As argumentações aqui apresentadas mostram que ideias catalisadas pelo rádio podem provocar transformações sociais, políticas e subjetivas na sociedade. Assim, há a possibilidade da criação de revoluções moleculares³⁹ nas comunidades invisibilizadas de Sorocaba. O conceito diz respeito a mudanças culturais, institucionais e individuais que se manifestam de forma dispersa e não centralizada, em oposição ao poder

³⁹ Guattari, F., Rolnik, S. (2013). Micropolítica: cartografias do desejo. Vozes.

hegemônico do Estado. Essas mudanças micropolíticas podem criar mutações subjetivas que, ao se espalharem, reconfiguram a sociedade de forma profunda e duradoura. Dessa forma, nota-se que o “*Tá Ligado HIP HOP*” não é meramente um programa de rádio, mas um espaço social para a promoção da cultura, educação e engajamento na comunidade do bairro Laranjeiras. O programa vai além da simples transmissão de músicas e entrevistas, ele atua como um ponto de encontro para as pessoas que se identificam com o movimento Hip Hop e suas diversas expressões artísticas, como a música, a dança e o grafite. Além disso, a iniciativa desempenha um papel importante na disseminação de informações relevantes para as comunidades periféricas do interior paulista, abordando questões sociais, políticas e educacionais que afetam diretamente os moradores desses locais. Através de debates, o programa fortalece o senso de pertencimento e identidade cultural⁴⁰, promovendo a inclusão e a conscientização. Assim, o “*Tá Ligado HIP HOP*” não apenas entretém, mas também educa e mobiliza, contribuindo significativamente para o desenvolvimento sociocultural da periferia sorocabana.

Considerações

Ao contrário do que se pode pensar, as argumentações aqui descritas não têm o intuito de esgotar o tema proposto. Há outras nuances percebidas no “*Tá Ligado HIP HOP*” que merecem ser debatidas e aprofundadas. Contudo, nesta escrita, a premissa é apresentar certos aspectos notados a partir de um primeiro contato com o objeto de estudo.

Outro ponto a destacar é que a pesquisa aborda a temática pela perspectiva de um programa radiofônico comunitário específico da cidade de Sorocaba-SP. Portanto, tais pensamentos podem abrir possibilidades investigativas sobre como o rádio e o Hip Hop podem informar e educar pessoas de outros contextos socioculturais do mundo. Assim, as reflexões apontam para o fato de a música, aliada a um meio de comunicação

⁴⁰ Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A.

popular, adquirir a capacidade de fortalecer associações, coletivos e movimentos presentes nas periferias do Brasil.

Estão nascendo novos (as) líderes (comunicadores (as) e ativistas midiáticos (as) que lutam, trabalham, malham o preço da feira e veiculam suas ideias pelo espaço eletromagnético brasileiro. Para além do morro do Pau da Bandeira, esses novos “Zés do Caroço” procuram acolher, informar e engajar pessoas marginalizadas por meio de um discurso profundo encontrado no movimento Hip Hop reverberado pelo rádio, um meio de comunicação com alto poder de penetração nas comunidades mais carentes.

Referências

- BELTRÃO, L. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. Cortez, 1980
- BELTRÃO, L. *Teoria geral da comunicação*. Brasília: Thesaurus, 1977
- BRANDÃO, A. C.; Duarte M. F. *Movimentos culturais da juventude*. Moderna, 1999
- BRANDÃO, L. Zé do Caroço. Leci Brandão. *Em Questão de Gosto*. Polygram. [Streaming], 1985
- BRECHT, B. Teoria do rádio (1927-1932). In: Meditsch, E. (Org.). *Teorias do rádio: textos e contextos* (vol. 1, pp. 35-45) volume 1. Insular, 2005.
- CAVALCANTI, M. A. de P. *Resistências nas mídias a comunicação socializada: uma breve história das rádios livres e comunitárias no Brasil*. Revista Periferia, v.10, n.2, 2018, p. 258-277. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5521/552157626016/html/>.
- CÉSAR, R. As múltiplas emissoras de Robson César: um depoimento sobre as rádios livres sorocabanas. *Revista Alterjor*, v.25, n.1, 2022, p. 175-191. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/193081/180095>.
- GARCÍA CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais*. UFRJ, 1995
- GARCIA, W. *Fazer ciência: o lugar do conceito*. Em *Questão*, v. 13, n.1, 2007, p. 171-182. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645956011.pdf>.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Vozes. 2013
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A, 2005
- JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. Editora Aleph, 2009

KELLNER, D. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. EDUSC, 2001

LEAL, S. J. de M. *Acorda hip hop: despertando um movimento em transformação*. Aeroplano, 2007

MACHADO, A.; MAGRI, C.; MASAGÃO, M. *Rádios livres: reforma agrária no ar*. Brasiliense, 1986

MATTELART, A.; NEVEU, É. *Introdução aos estudos culturais*. Parábola, 2004

NUNES, M. A. M. *Rádios livres*. O outro lado da voz do Brasil, 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

PARRA, F. Luiz Fernando Santoro – Relatos sobre rádios livres e comunitárias na Europa e no Brasil. *Revista Alterjor*, v.18, n. 2, 2018, p. 54-65. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/147538/141610>.

PARRA, F. *Rádios livres sorocabanas: 40 anos depois*. 265 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-11072023-144537/pt-br.php>.

PERUZZO, C. M. K. Participação nas rádios comunitárias no Brasil. [Apresentação de trabalho]. *XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 98*, Recife-PE, 09 de outubro de 1998. Disponível em: <http://bocc.ufpb.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>.

PERUZZO, C. M. K. *Fundamentos teóricos da comunicação popular, comunitária e alternativa*. Edufes, 2024 Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/items/16d146f7-aa4b-42dd-b832-97fb9442d1ed>.

POSTALI, T. *Blues e hip hop: uma perspectiva folkcomunicação*. Jundiaí: Uniso, Paco Editorial. 2011

SANTOS, M. A. A verdadeira história do samba Zé do Caroco. *Diário da Região*, 26 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/a-verdadeira-historia-do-samba-ze-do-caroco-1.179862>.

SOROCABA, a capital das rádios piratas. *O Cruzeiro do Sul*, 11 de março de 1984

TRIGUEIRO, O. M. *Folkcomunicação e ativismo midiático*. Editora Universitária da UFPB, 2008